

Introdução

I

Reunimos aqui um conjunto de estudos e ensaios filosóficos sobre espiritualidade, religião, diálogo inter-religioso e encontro trans-religioso, com destaque para alguns cruzamentos entre Oriente e Ocidente e particularmente entre budismo e cristianismo. Estes textos foram redigidos entre 2005 e 2017, estando alguns inéditos e tendo sido outros publicados dispersamente em lugares de difícil acesso, mas todos foram revistos e reescritos para integrar este livro. Eles reflectem a nossa investigação, docência e investimento pessoal, teórico e prático, nestas áreas da experiência humana, cuja actualidade e interesse nos parecem em franco crescimento.

O livro está dividido em duas partes, “Do Oriente ao Ocidente” e “Entre Oriente e Ocidente”. Na primeira há um movimento cronológico que é também geográfico desde temas da espiritualidade indiana, chinesa, tibetana e japonesa até temas da espiritualidade neoplatónica grega (embora Plotino seja de origem egípcia), cristã e sufi islâmica (neste caso em diálogo com a pensadora andaluza María Zambrano). Na segunda ganham destaque, como indica a fecunda preposição *entre*, os estudos comparativos, ou que procuram mostrar e estabelecer diálogos e pontes, implícitos e menos evidentes, entre temas, tradições, autores, ícones e fenómenos da espiritualidade oriental e ocidental, com destaque para o budismo e o cristianismo, mas onde também surgem como interlocutores o taoísmo, o hinduísmo e o Bön, a tradição tibetana pré-budista. Esta segunda parte e o livro culminam numa tentativa de compreender a essência e o sentido das aparições de Fátima à luz de uma fenomenologia da experiência espiritual universal, onde se pode reconhecer que os diálogos e cruzamentos inter-religiosos conduzem ao espaço aberto de um encontro trans-religioso.

II

Decidimos publicar em conjunto estes textos por nos parecer que gravitam em torno de dois temas fundamentais, que conferem uma unidade, embora

multifacetada, a este livro e que são centrais nas tradições espirituais e religiosas da humanidade: 1 - a saudade, a demanda, a visão e a experiência do que chamaremos aqui o infinito, o absoluto ou o fundo sem fundo de tudo, intuído como uma instância inefável e não-dual que dissolve a percepção da realidade como um conjunto atomizado e fragmentado de seres e coisas e manifesta a unidade ou profunda interdependência de todos os seres e fenómenos, que se desvelam como inseparáveis desse seu fundo comum, convidando nalguns casos a uma ética cósmica; 2 - a profunda inversão da visão convencional do mundo e do modo considerado normal de viver que é a consequência natural dessa descoberta de que tudo é inseparável do infinito, promovendo o descentramento radical dos sujeitos e a superação dos limites cognitivos e afectivos da consciência autocentrada num total despojamento e/ou transfiguração dos modelos conceptuais, linguísticos e simbólicos de compreender a realidade e o seu inefável fundo primordial.

São estes dois temas que se reflectem no título do livro. *Vazio e Plenitude* ou *Vazio-Plenitude*, por dois motivos: 1) porque a visão-experiência dessa instância inefável que se conceptualiza como infinito, absoluto ou fundo sem fundo de tudo, é, nas tradições espirituais da humanidade e na sua emergência livre de qualquer contexto, a de algo sem forma nem contornos, livre de todos os limites do pensamento, da linguagem e da imaginação, irreduzível a qualquer modo de determinação, objectivação, entificação e reificação, sendo enquanto tal inapreensível; 2) porque ao mesmo tempo, e por isso mesmo, desvela-se, sente-se e vive-se como uma total perfeição e completude, sem centro nem periferia, sem quaisquer limites, divisões, separações e carências, que se manifesta e experiencia exuberantemente, de todos os modos possíveis. *Vazio e Plenitude*, *Vazio-Plenitude* ou *Vazio Pleno*, para honrar, contemplar e unificar dois dos aspectos que tendem a sobressair na experiência oriental e ocidental do Infinito, mas também para sugerir que aí coincidem e se transcendem as oposições lógicas da mente conceptual, que estruturam a percepção e a experiência convencionais do mundo, da vida e da realidade. Desnecessário será dizer que este *Vazio-Plenitude* transcende toda a distinção e oposição conceptual entre ser e nada e ser e não-ser.

Com efeito, no estado mental predominante na percepção dita normal do mundo, da vida e da realidade - centrada num sujeito ou *eu* supostamente distinto

e separado desse mundo, vida e realidade que consciente ou inconscientemente tende a colocar-se no centro de tudo e a tudo conceptualizar e avaliar em função das suas necessidades, interesses e desejos - , este sujeito ou *eu* opõe em geral o vazio e a plenitude, temendo e rejeitando o primeiro e prezando e buscando a segunda. Isto porque teme e rejeita tudo o que o diminua ou dissolva o sentimento e convicção de ser o centro de tudo, e com isso a imagem do mundo assim construída, e preza e busca tudo o que o engrandeça e lhe confirme essa sensação de ser bem real e importante na sua suposta distinção e separação do mundo, da vida e da realidade. Esta percepção autocentrada de si e das coisas, que tanto se manifesta no materialismo como no espiritualismo e em religiosos como em irreligiosos, é todavia uma total ilusão, pois nada existe nem pode existir absolutamente distinto e separado do imenso espaço englobante do mundo, da vida e do real, bem como do seu infinito fundo sem fundo. A suposta normalidade da percepção autocentrada é em primeira e última instância uma *normose*, uma patologia não reconhecida como tal ¹, na qual a constante busca de conseguir a felicidade duradoura de um sujeito ilusoriamente separado só pode conduzir à crescente insatisfação e sofrimento da sua impossibilidade. O sujeito ou eu normótico, a vida social dos sujeitos normóticos e as culturas e civilizações que diversamente na normose se originam vivem às avessas da realidade ou da natureza original de todos os seres e fenómenos, que é a da interconexão. Percepcionam a ilusão como realidade e a realidade como ilusão, buscam a felicidade no egocentrismo onde só encontram sofrimento e rejeitam como sofrimento o descentramento que conduz à verdadeira felicidade, anseiam pela plenitude fugindo do vazio que, enquanto sinónimo de abertura superabundante sem centro nem limites, é a única e natural plenitude. O mundo normótico opõe vazio e plenitude, não vendo que o vazio é a plenitude e a plenitude é o vazio.

Daí a segunda parte do título, *O Mundo às Avessas*, que pode ter dois sentidos: 1) designar a verdadeira natureza da percepção normótica do mundo que ilusoriamente se autolegitima como normal e real quando na verdade vê tudo invertido, desfocado e velado pelas perspectivas e interesses de sujeitos autocentrados e supostamente separados quando não são centro de coisa alguma e

¹ Cf. WEIL, Pierre, Jean-Yves LÉLOUP, Roberto CREMA, *Normose. A patologia da normalidade*, Petrópolis, Editora Vozes, 2011, 3ª edição.

estão inseparavelmente interligados e englobados com todos os seres e coisas na tessitura profunda do mundo, da vida e da realidade que emerge do fundo infinito de tudo; 2) indicar a natureza profunda desta mesma emergência, *des-velada* pela inversão e sobretudo dissolução da sua percepção normótica, na profunda reviravolta ou *r-evolução* da consciência que permite ver tudo tal como é e a cada instante sempre novo emerge do infinito fundo sem fundo que aqui designamos como Vazio-Plenitude.

A saudade, demanda, visão e experiência do Infinito, ou Vazio-Plenitude, e a inseparável vivência do Mundo às Avessas, enquanto mutação radical da consciência e da vida, que deixam de ser vividas a partir da carência do autocentramento ilusório para passar a ser fraterna e cosmicamente fruídas na superabundância desse mesmo Infinito, são a nosso ver os dois indissociáveis aspectos da mensagem e proposta transversais às tradições espirituais e religiosas da humanidade, com expressões naturalmente diferenciadas segundo os contextos histórico-culturais e psicológicos em que se manifestam.

III

Esclarecidos os conceitos operativos do título, esclareçamos os do subtítulo. Por *espiritualidade* entendemos não o “espiritualismo” no sentido de interesse difuso – e muitas vezes confuso - por questões “espirituais”, mas a abertura ou o despertar contemplativo e activo da consciência para a natureza profunda do real, ou seja, para a natureza comum a si e a todas as coisas, o infinito fundo sem fundo aqui designado como Vazio-Plenitude. Ao assumirmos a a espiritualidade como a abertura ou despertar da consciência, pretendemos tornar claro que esta não se limita ao “espiritual”, por oposição ao material, ao terreno, ao físico e ao corporal. Vemos a abertura ou despertar da consciência como uma experiência integral, não-dual, que unifica e transcende todas as antinomias da mente conceptual. Esta abertura ou despertar pode ser súbito, desenrolar-se de modo progressivo e gradual ou, sendo súbito, pode estabilizar-se ao longo de um processo. Em qualquer dos casos, como marca e critério da sua autenticidade, floresce e frutifica numa transformação profunda do modo de viver e de perceber o real, onde o autocentramento do sujeito na percepção de si como separado dos outros e do

mundo, com o conseqüente egoísmo, dá lugar a uma visão-experiência integrada da realidade e a um sentimento de conexão, fraternidade e intimidade com todos os seres vivos, que espontaneamente move a colocar-se ao serviço do seu bem, de modo universal, imparcial e incondicional, sem esperar nada em troca.

Quando falamos de consciência, referimo-nos não à consciência específica disto ou daquilo, não à consciência determinada por conteúdos, interesses ou experiências particulares – como a consciência religiosa, ética, moral, social, política, ambiental ou outra -, nem à consciência restrita às suas funções sensoriais, racionais ou intelectuais, mas a esta base de todas as experiências possíveis que é a experiência original, fresca e sempre nova de haver algo imenso, ilimitado e indefinido que é o fundo comum a nós e a tudo, de estarmos aqui-agora e de sabermos isso, de termos sensações, percepções, sentimentos, emoções, pensamentos e de sabermos isso, antes e independentemente das interpretações, juízos e conceitos que elaboremos a seu respeito, já condicionados pelas nossas tendências psicológicas e pela nossa forma(ta)ção histórico-cultural. Esta consciência imediata e nua, esta imensa abertura pré-conceptual, este espaço sem contornos onde tudo se manifesta e processa, é a experiência fundamental inerente ao ser e aquilo a que chamamos aqui espiritualidade é o reconhecimento, familiarização e reconexão constantes e crescentes com isso, o desenvolvimento e o aprofundamento do reconhecer e não viver distraído das qualidades inerentes ao ser-consciência, como esta sua natural abertura silenciosa e pacífica, inseparavelmente cognitiva e bondosa. cremos, a partir da nossa experiência pessoal da via meditativa e contemplativa, que a consciência é o maior mas quase sempre mais esquecido ou desprezado dos recursos que temos gratuitamente à nossa disposição, pois é na verdade o mais íntimo ou o acesso ao mais íntimo de nós mesmos e de tudo e a invariável condição de possibilidade de todas as nossas sempre mutáveis experiências. A espiritualidade exerce-se na busca e no aprofundamento da experiência deste fundo de si, que pode ser descoberto como o fundo comum de tudo, como o próprio Coração da Vida ², do mundo e da realidade, enquanto fundo sem fundo infinito, vasto e desobstruído como o espaço, livre de todos os condicionamentos inerentes ao pensamento, à linguagem e à imaginação.

² Cf. Paulo BORGES, *O Coração da Vida. Visão, meditação, transformação integral*, Lisboa, Edições Mahatma, 2015; 2017, 2ª edição.

A espiritualidade cumpre-se no aprofundamento da experiência deste fundo sem fundo, que as mitologias, as religiões, as filosofias e as ciências designam de vários modos – cremos que um dos mais universais é o *infinito* -, mas onde é incontornável encontrar o vazio-plenitude e o silêncio e encontrarmo-nos, a nós, a tudo e a todos, no vazio-plenitude e no silêncio, bem como na partilha desinteressada desta descoberta para o bem comum de tudo e de todos.

A *religião* a nosso ver nasce da espiritualidade ou da experiência espiritual, como acima a definimos, ou seja, de aberturas mais ou menos profundas e plenas da consciência para o infinito ou fundo sem fundo comum a si e a todas as coisas, que dão origem à experiência designada como religiosa e às várias religiões que surgem a partir de experiências espirituais particularmente profundas, inovadoras e singulares, num determinado contexto social, histórico e cultural. Se a religião pode por vezes ser experienciada como espiritualidade, sendo então seu sinónimo ou parente próximo, na maioria dos casos é vivida como uma espiritualidade específica, nos quadros de um dado sistema religioso e confessional, com os seus componentes próprios: 1 - uma singular e inovadora visão ou revelação fundadora (ou o seu equivalente em termos de experiência espiritual) acerca do fundo primordial ou realidade plena e absoluta, que se experiencia e assume como vinda directamente desse mesmo fundo e que implica uma revelação ou mensagem acerca do modo como a vida humana se deve orientar para que cumpra a sua vocação, sentido e finalidade últimos, que em geral são unir-se com esse fundo ou reconhecer que nunca dele esteve verdadeira e realmente separada; 2 - a figura central e carismática que é o sujeito dessa visão, revelação ou experiência e da sua transmissão original mediante ensinamentos orais e/ou escritos; 3 - o que daí decorre em termos de textos sagrados e seus comentários exegéticos, de formulações doutrinárias mais ou menos dogmáticas, de preceitos ético-morais, de arquitectura sagrada, ritos e calendário litúrgico e de estruturas sociais, institucionais e jurídicas, compondo uma comunidade com uma determinada tradição histórico-cultural e um singular modo de estar no mundo e de o procurar transformar. Nestes casos a religião é uma espiritualidade vivida nos quadros e no contexto de uma determinada religião.

Todavia, se não há religião digna desse nome sem um mínimo de espiritualidade, pois a espiritualidade é a origem e a superior vocação da religião,

pode haver e frequentemente existem formas de viver a religião em que a espiritualidade é desconsiderada e mesmo abafada ou obstaculizada e esmagada sob o peso das formulações doutrinárias e dogmáticas, da exegese literalista dos textos sagrados e da redução da vida da consciência à fé cega, à razão conceptual e à sociabilidade e moralidade institucionais. Nesses casos a profundidade, frescura e inovação da experiência espiritual que está na origem da religião e das religiões tende a considerar-se algo reservado apenas para o seu fundador, ou para algumas figuras exemplares dos seus seguidores, sendo os demais fiéis convidados a uma mera adesão e aproximação exterior a ela, pela crença, pelo intelecto e/ou pela conduta externa. Há com efeito em geral, para além da natural e necessária prudência, uma grande desconfiança das instituições religiosas a respeito das experiências espirituais que tendem a abrir a consciência para além da letra e limites dos dogmas, das doutrinas, da moralidade convencional e da vida institucional, como se não fosse precisamente essa a intenção original e amorosa dos fundadores de cada religião e o contínuo influxo da sua presença e magistério invisíveis e subtis: convocar e conduzir todos a viver em primeira mão a mesma abertura da consciência ao infinito, à perfeição e à plenitude que é o fundo sem fundo de tudo, numa vivência que por isso mesmo se pode manifestar em sempre novas formas e expressões, inerentes à singularidade de cada indivíduo e situação concretos e às ilimitadas possibilidades de se experimentar e expressar o infinito, que por definição contém em si todos os possíveis e não se pode esgotar em nenhuma das suas manifestações. A isto cabe acrescentar que pode também haver espiritualidade sem religião, no sentido institucional, na medida em que a consciência e o potencial da sua abertura e expansão com motivos éticos são património comum de todos os humanos, sejam crentes, ateus, agnósticos ou alheios a qualquer destas classificações. A espiritualidade é assim um fenómeno que pode dar-se fora ou dentro de referências e quadros religiosos e confessionais específicos.

O diálogo inter-religioso é o diálogo que se pode estabelecer entre praticantes de religiões distintas visando compreender o outro como tal, ou seja, compreender que há visões, revelações e experiências distintas do fundo primordial, da realidade plena, do infinito ou do absoluto que são ou podem ser vividas de forma igualmente genuína e absoluta. Isto exige a nosso ver começar

por abandonar as representações, pressupostos e preconceitos acerca do outro - quase sempre nascidos do autocentramento e apego à própria identidade religiosa e da insegurança, incómodo ou medo gerados pela simples existência de identidades religiosas diferentes - , anteriores à tentativa séria de o compreender. Exige ainda, num passo maior e mais difícil, suspender ou pelo menos relativizar, ainda que provisoriamente, a convicção da verdade única ou da superioridade da religião que se professa e pratica, bem como os juízos de falsidade ou inferioridade que a partir daí se tendem a fazer sobre as demais religiões, para que cada dialogante exerça as virtudes de abertura e humildade a que a sua própria religião o convoca e se coloque o mais possível na perspectiva e na experiência daqueles com quem dialoga. Da medida em que isto se consiga depende o surgimento de uma compreensão maior do outro e um reconhecimento mais objectivo tanto das diferenças como das afinidades entre as religiões e experiências religiosas em diálogo, que são a base do reconhecimento da riqueza da sua diversidade e da importância de a preservar, bem como de todo o respeito e paz possíveis e desejáveis entre as diferentes religiões, culturas e comunidades religiosas.

Como é evidente, assumido nesta perspectiva, o diálogo inter-religioso não é fácil e é mesmo muito raro, pois exige uma abertura espiritual, ética e intelectual a que as religiões tradicional e habitualmente não convidam, por tenderem a centrar-se não no absoluto em nome do qual falam, mas em si, ou seja, na sua *revelação* particular – que é sempre relativa aos limites humanos com que é recebida, compreendida e praticada – e na sua expressão doutrinal e institucional, tendendo assim a absolutizar a sua experiência e representação limitadas e relativas desse absoluto, caindo em formas tanto mais graves e danosas quanto mais inconscientes de idolatria. O diálogo inter-religioso autêntico pouco tem assim a ver com os meros encontros formais e oficiais entre líderes religiosos, onde se conjugam boas vontades em torno de bem intencionados apelos à paz e à convergência entre religiões, por mais necessários e benéficos que estes sejam. Estamos todavia convictos que o diálogo inter-religioso profundo é uma exigência que decorre do aprofundamento de qualquer caminho religioso, na medida em que este convida todo o que o segue a um despojamento de si e das suas representações acerca do absoluto ou realidade última para deixar que este se manifeste sem qualquer condicionamento. O diálogo inter-religioso profundo

acontece à medida que a espiritualidade se afirma em cada religião e a experiência directa, íntima e silenciosa do absoluto ou realidade plena predomine sobre o apego mental e emocional às fórmulas doutrinárias e dogmáticas, que podem ser úteis como pontos de partida e apoios ao longo da via, mas que, se não forem gradualmente relativizadas ou mesmo abandonadas à medida que se avança no aprofundamento e ampliação da consciência, podem converter-se nos piores entraves para uma vida religiosa e espiritual aberta, florescente e plena. A espiritualidade e o diálogo inter-religioso profundo, a espiritualidade inerente ao diálogo inter-religioso profundo, ajudam a compreender a verdade fundamental de que *as religiões não são fins em si mesmas, mas apenas meios para algo que a todas igualmente transcende*, na medida em que transcende os limites da linguagem, do pensamento e da imaginação e com eles o de toda a cultura humana.

Da prática do diálogo inter-religioso profundo, mas também sem se passar necessariamente por ele, surge o *encontro trans-religioso*. Este é o que acontece à medida em que, no aprofundamento espiritual da prática religiosa, ou no aprofundamento espiritual da experiência da vida, se começam a silenciar as operações e mediações conceptuais, verbais e simbólicas da consciência, com a inerente relativização ou mesmo abandono das formulações doutrinárias e do imaginário simbólico inerentes à tradição e identidade histórico-cultural de cada comunidade religiosa, para se abrir cada vez mais espaço à irrupção da realidade plena, do absoluto ou infinito para que cada religião aponte e à sua experiência directa no íntimo da consciência nua. Aí se pacifica a mente que analisa, julga e classifica, distinguindo, identificando e comparando. Aí se dá o encontro com o fundo silencioso de si, com o fundo silencioso do outro e com o fundo silencioso de tudo, que é um mesmo e comum fundo sem fundo, pois o infinito só pode ser um. Aí se experimenta o vazio como plenitude e a plenitude como vazio, aí se vivem os dois sentidos do mundo às avessas e aí se cumprem toda a religião e toda a via espiritual na mesma medida em que se transcendem como veículos que só verdadeiramente se apreciam quando deixam de ser absolutamente necessários e eventualmente se revelam apenas continuar a ser úteis para fazer a viagem de regresso e transportar consigo outros: todos os que desses particulares veículos necessitem para acederem à mesma intimidade com a liberdade, a sabedoria e o amor incondicionais que ao longo da viagem se vão desvelando no íntimo de cada

um e de todos os viajantes, sejam quais forem os pontos de partida e caminhos que sigam, se realmente os seguirem por fidelidade não aos caminhos, mas ao infinito de onde tudo vem, onde tudo se move e para onde tudo converge, além-aquém de todos os caminhos. É por isso também natural que o encontro trans-religioso no silêncio e no infinito conduza a reequacionar a operacionalidade mediadora de cada veículo religioso e convide nalguns casos a novas sínteses inter-religiosas e trans-religiosas, por se verificar que uma mesma pessoa pode, nos mesmos ou em diferentes momentos da sua vida espiritual, aprender e progredir com tradições religiosas e espirituais diferentes, desde que evite o risco, hoje todavia pronunciado, de cair na confusão dos cocktails espirituais *New Age*, geralmente feitos ao gosto do ego e do consumismo no novo mercado espiritualista.

IV

Ao longo da redacção destes estudos e ensaios e da sua revisão e reescrita para figurarem neste livro, tomamos consciência de haver uma visão e um pensamento que se constituem a partir do diálogo hermenêutico com as tradições, os textos e os autores aqui referidos e da nossa experiência pessoal, em termos reflexivos, meditativos e contemplativos, dos horizontes e espaços ilimitados que eles nos abrem. Cremos ser isso que se manifestou de modo mais explícito nesta *Introdução*, que esboça um ensaio de filosofia da espiritualidade, da religião, do diálogo inter-religioso e do encontro inter-religioso de matriz inter e trans-cultural.

Para além do contributo para repensar estas áreas e temas a nosso ver fulcrais da experiência humana, pois neles se joga a mais funda vocação da humanidade sobre a Terra, gostaríamos que este livro, pelo seu enfoque nos diálogos e cruzamentos entre Oriente e Ocidente, com destaque para os estabelecidos entre budismo e cristianismo, possa ajudar a cultura portuguesa e lusófona a redimir-se de uma das grandes oportunidades por si perdidas, ao ter sido pioneira no contacto, encontro e diálogo com as culturas orientais, mas, porventura por excesso de autocentramento na sua suposta superioridade cultural e religiosa, ter passado à margem do ensejo de beneficiar a si e ao mundo por um diálogo aberto, compreensivo e despreconceituoso com as tradições milenares das

suas sabedorias. Possa este livro ser um humilde contributo para esse diálogo, para a inter-cultura de paz e compreensão universal tão urgente neste momento crítico da civilização planetária e, acima de tudo, para o encontro de cada um de nós no Vazio-Plenitude que no Mundo às Avessas da nossa vida convencional tão íntima e saudosamente nos apela!

Paulo Borges